

Padres e Irmãos Barnabitas
Um pouco de História 3



Os Barnabitas
1533-1933

Rio de Janeiro 2017

Nossa capa: Símbolo estilizado dos Barnabitas

Um pouco de História 3

Os Barnabitas
1533-1933

Rio de Janeiro 2017

Os Barnabitas 1533-1933

Transcrição do original do mesmo nome por

Isaac Segovia, Postulante Barnabita

São Paulo 2017

Aos Barnabitas e Angélicas de Língua Portuguesa e a todos que amam
nossas Congregações.

OS BARNABITAS

1533

1933

O Santo Padre Pio p. p. XI ao Revmo. Padre Geral na ocasião das festas quarto centenário da nossa Congregação.

Soubemos ultimamente, com suave sentimento de satisfação, que Vós e vossos Religiosos da Congregação de S. Paulo, preparáveis solenes festas centenárias para o dia 18 de Fevereiro, findando-se neste dia o 4º século da aprovação desta Ordem pelo nosso Predecessor, de fausta memória, Clemente VII.

Ora, recordar com comemoração solene os benefícios recebidos por Deus e proporem-se como exemplo os fatos e gestos dos antepassados é próprio das almas nobres e grandes; logo é com ótima resolução que vos preparais com toda a vossa família religiosa a relembrar, com memória agradecida e espírito de emulação, os méritos e a glória que refulgem em tão longo decurso de tempo. Ninguém ignora que o fim da Congregação de São Paulo, instituída por um grande Santo, Antônio Maria Zaccaria, foi a de trabalhar eficazmente, com as outras Ordens de Clérigos Regulares, para a reforma dos costumes, da qual o Concílio de Trento, pouco após prepararia o aperfeiçoamento. Para alcançar este nobre fim, o vosso fundador e seus companheiros entenderam que o melhor meio era escolher o Apóstolo São Paulo como Protetor e modelo, e abraçar e difundir largamente entre o povo a doutrina de Jesus Crucificado. E eis como, sob a égide de São Paulo, a vossa sociedade, espalhou-se de Milão pela Itália e por outros países, e como seus membros, conhecidos sob a alcunha de Barnabitas, trabalharam na propagação do culto devido a Deus, pela prégação da palavra divina, pelos retiros e missões entre o povo e em particular pelo tríduo de adoração eucarística, tornando mais frequente a recepção dos sacramentos, apesar do costume da época.

Assim vossos padres muitas vezes foram chamados pelos Bispos para a direção de Paróquias e seminários eclesiásticos.

Distinguiram-se eles, entre muitas coisas, pela notável aristocracia de seus filhos e grande doçura de que fazem prova na educação e instrução da mocidade. Os grandes São Carlos Borromeu e São

Francisco de Sales já admiravam esta distinção e seus frutos salutares, revelados aos olhos de todos pelos numerosos ex-alunos dos Barnabitas que se tornaram beneméritos da Igreja e da Pátria.

A vossa preocupação de imitar São Paulo, vosso Padroeiro, afirmou-se igualmente pela evangelização dos infieis, que vossos religiosos, afrontando fadigas e perigos, foram procurar em regiões longínquas, especialmente na Ásia. Este mesmo amor pelas almas vos fez trabalhar com ardor para reconduzir à Igreja Católica os povos Russo e Norueguês.

Demasiado longo seria enumerar os muitos méritos de vossa Ordem. Mas aos que acabamos de lembrar, apraz-nos acrescentar este outro: e é que vários membros de vossa Associação se distinguiram pela santidade de vida, pelas dignidades com que foram honrados, por seus cargos, sua ciência, erudição e atividade. Mais de um aplicou-se a perscrutar os segredos da natureza e a penetrar as leis que regem o orbe celeste. Foi a um deles, ao Pe. Francisco Denza, peritíssimo físico, cuja memória é muito recente, a quem o nosso Predecessor Leão XIII, de feliz memória, confiou o Observatório do Vaticano, para que, graças a ele, a Santa Sé pudesse ter seu quinhão na obra admirável de fixar minuciosamente, nas chapas fotográficas, a imagem do céu.

Quando pensamos em todas estas coisas e quando consideramos a fidelidade insigne de vossa Ordem para com a Sé Apostólica, Nós formulamos os mais sinceros votos para o bom êxito e brilhantismo das vossas festas centenárias, e de bôa vontade aproveitamos esta circunstância para exprimirmos aqui nossos sentimentos de benevolência paternal para convosco, filho querido e vossos confrades.

E convosco rendendo graças ao Altíssimo, pelos benefícios que outorgou à vossa Sociedade, instantemente convidamos cada membro de vossa Congregação a haurir deste jubileu quadrisecular a força e a coragem para o cumprimento de obras ainda maiores para o bem da religião e da sociedade.

Como penhor dos favores celestes que para vós imploramos, e como prova de nossa particular afeição, Nós vos damos de todo o co-



ração dileto filho, como a toda a vossa Congregação, nossa Benção Apostólica.

Dado em Roma, em S. Pedro, a 8 de Fevereiro de 1933, XIIº do nosso Pontificado.

(a) PIUS PAPA XI

Cópia fiel da carta enviada por S. Emcia. o Cardeal D. Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, ao nosso Revmo. Pe. Geral na ocasião do quarto centenário da nossa Congregação.

Rio de Janeiro, 28 de Janeiro de 1933

Mui Reverendo Padre,

Agradecendo a comunicação das próximas festas jubilares da Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo, é de todo coração que me associo às mesmas, não só como tributo de admiração a quatro séculos de inestimáveis serviços à causa de nosso Divino Rei, como ainda em sinal de reconhecimento afetuoso à brilhante folha de trabalhos apostólicos dos Padres Barnabitas em terras do Brasil.

Por mim, por esta arquidiocese e pelo Brasil, meu coração, cheio de votos e das bênçãos de Nosso Senhor, aí estará pois, junto de Vossa Paternidade, a render e pedir novas graças, por ocasião do 4º. centenário da Congregação.

Herdeira da chama abrasadora do Apóstolo das Gentes, que lhe deu o nome, continue a família dos Clérigos de São Paulo, cada vez com mais ardor de fé e fervor de zelo, na liça augusta dos que, amando

apaixonadamente a Jesus Cristo e a seu Vigário na terra, vivem para Deus e para as almas! – Tais são os votos sinceros de quem, com toda estima, é

De Vossa Paternidade servo atento

Seb. Card. Leme

Ao Ilmo, e Revmo. Sr. Padre Ferdinando Napoli,
DD. Preposto Geral da Congregação dos
Clérigos Regulares de São Paulo - Roma.

Cópia fiel da carta enviada por Sua Excia. o Sr. Núncio Apostólico. __

Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1933

Reverendíssimo Padre

A benemérita Congregação de São Paulo, celebrará com santa alegria, daqui a alguns meses, o quarto centenário de sua fundação.

São quatrocentos anos de trabalho e de sacrifícios, durante os quais os filhos de Santo Antônio Maria Zaccaria, que contam entre seus membros numerosos religiosos ilustres pela piedade e pela doutrina, prestaram à Igreja relevantes serviços, estendendo sua ação benéfica até ao Brasil, onde, como me é grato reconhecer, desde alguns anos zélam pela educação da mocidade, no ministério sagrado e na civilização dos índios no vasto território da Prelazia do Gurupi, a eles confiada pela Santa Sé.

Deus recompense os queridos Barnabitas pelo bem executado, e permita que eles trabalhando com renovado ardor e entusiasmo, continuem a exercitar um apostolado fecundo e sempre se distingam pelo devotamente e união com o Vigário de Jesus Cristo.

E pelo aniversário tão glorioso apresento desde já a Vossa Reverendíssima. as mais sinceras felicitações, ao mesmo tempo que recomendando-me às suas fervorosas orações com os sentimentos de verdadeira estima, apresso-me em me reafirmar

de Vossa Reverendíssima dedicadíssimo servo
† Bento Arcebispo de Cesarea Nuncio Apostólico

Carta enviada por Sua Excia. D.
Antônio Lustosa, Arcebispo do Pará - -

Belém, 24 de Maio de 1933

Revmo. Sr. Padre Provincial

O quarto centenário que os Reverendos Padres Barnabitas celebram neste ano, comemorando a fundação dessa instituição admirável – a Congregação de Sto. Antônio Maria Zaccaria, nesta capital mais do que nas outras do Brasil merece ser solenizada. Em 30 anos apenas de permanência lograram os Clérigos Regulares de São Paulo firmar seus créditos em nosso meio, à altura do renome que têm na Europa.

Na imprensa, no púlpito, na cátedra, quem não lhes admira a sólida e superior cultura? No exercício do sagrado ministério, quem não se edifica com seu espírito apostólico? Na liberalização da caridade para com os doentes no leprosário, para com os pequeninos nos bairros de Belém, quem não se comove com sua abnegação? A organização das escolas paroquiais, da paróquia que lhes foi confiada, muito diz da competência e zelo dos organizadores.

A Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, templo que figura na primeira linha dos que no Brasil primam pelo grandioso e artístico, é obra magnífica dos Barnabitas. A soma de energias que se acham ali investidas, em cada detalhe da Basílica, não pode ser compreendida senão pelos que já meteram mãos em obras de tal magnitude.

A concepção de um ideal artístico já revela muita coisa. A execução desse ideal exige paciência diuturna, expedientes variados para a remoção dos embaraços, resistência granítica à corrente de opiniões contrárias, ânimo inquebrantável em face aos contratemplos. A Basílica de Nazaré é simplesmente o fruto de tudo isso. Digo mal: essa obra se

não poderia explicar sem tudo isso e mais alguma coisa: grande fé. Os herdeiros do espírito de Sto. Antônio Maria Zaccaria desejavam levantar à Mãe de Deus um monumento que nos dissesse qualquer coisa das magnificências da Rainha dos Céus. Genialmente inspirados deram à arte cristã do Brasil a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré. Fé e muita fé se faz mister para levar a cabo obras de fôlego como a do suntuoso templo em que a família paraense venera sua Virgem, sua mui amada Virgem de Nazaré.

A Arquidiocese do Pará agradecida aos Reverendos Padres Barnabitas, neste glorioso quarto centenário de existência utilíssima, congratula-se com os Superiores da benemérita Congregação e invoca sobre eles as bênçãos do Senhor.

De Vossa Revma.

Serv. Obr.

† ANTÔNIO

Arcebispo do Pará

Breve de Clemente VII, do ano de 1533
concedendo a fundação da Ordem.

O PAPA CLEMENTE VII

Diletos filhos

Saudação e Benção Apostólica.

De muito bom grado Nós acolhemos e atendemos os vossos desejos, para que possais tornar-vos, com espírito de humildade, mais dignos do prêmio da vida eterna, e dedicar-vos à salvação das vossas almas e das do vosso próximo.

E para isto vos cumulamos das graças mais vantajosas.

Assim Nos fizestes expôr vossa petição: vós, com três vossos companheiros animados da mesma vontade, desejáis emitir nas mãos do venerável Nosso Irmão o Arcebispo de Milão, ou de seu Vigário nas coisas espirituais, os três votos substanciais da vida religiosa, para que com maior liberdade possais atender ao beneplácito de Deus e perscrutar as coisas divinas.

Desejais ao mesmo tempo habitar permanentemente num lugar que escolherdes da Cidade ou da Diocese de Milão.

Por isto Nos fizestes suplicar humildemente que com Benignidade Apostólica, no teor da presente, como dádiva de especial favor, a vós e a cada um dos vossos, emitir a dita profissão nas mãos do Arcebispo ou do Vigário do mesmo.

Aos que quiserem unir-se a vós permitimos professar os mesmos três votos na presença de algum de vós, ou –consoante as circunstâncias – do Superior da vossa Congregação já ereta.

E juntamente – mas nisto submissos ao Ordinário do lugar – coabitar e viver em comum no sítio de vossa escolha.

Além disso, determinamos que possais estabelecer, para um estado saudável e governo vosso e vossas coisas, quaisquer estatutos e ordenanças razoáveis, honestos e concordes aos Sagrados Cânones, as quais livres e licitamente possais – conforme o exigirem as necessidade dos tempos – alterar ou totalmente abrogar e de novo redigir outras no lugar daquelas.

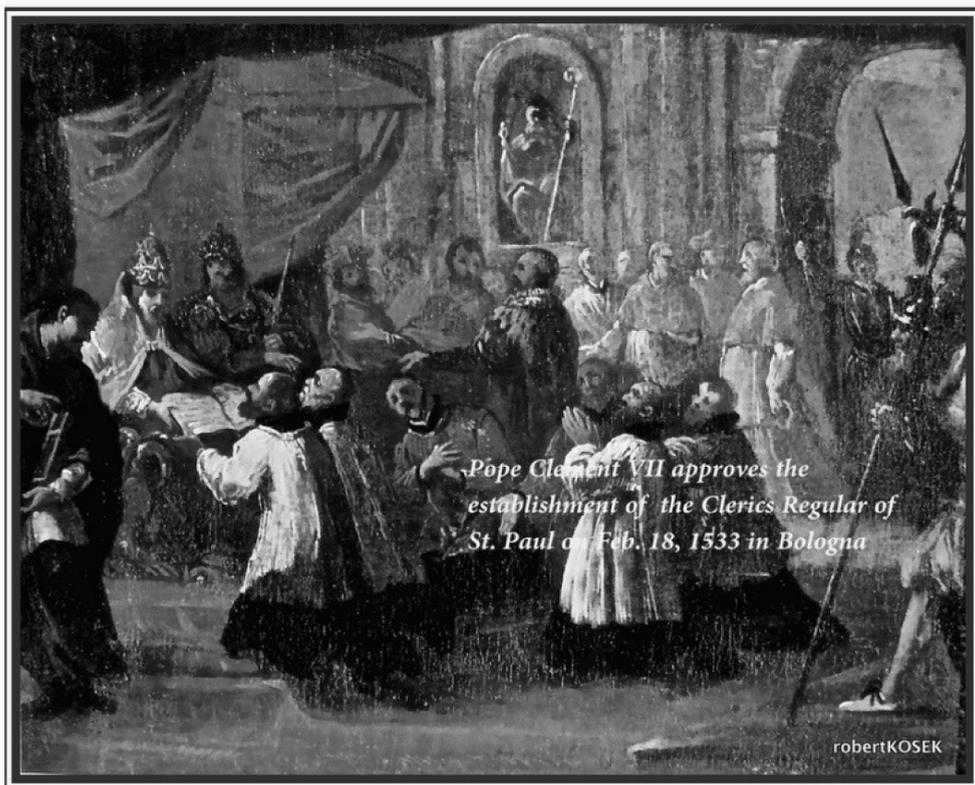
Não obstante a esta concessão as Constituições e Decretos Apostólicos, gerais e especiais, e os editados pelos Concílios Provinciais e Sinodais, e todas as outras leis contrárias.

Valendo a mesma no presente e perpetuamente em todos os tempos futuros.

Dado em Bolonha, sob o anel do Pescador, no dia 18 de Fevereiro do ano de 1533, décimo do nosso Pontificado.

F. Galeanus

Aos dilétos filhos, sacerdotes
Bartolomeu Ferrari, milanês, e
Antônio Maria Zaccaria, cremonês.



ANTÔNIO MARIA



“Vêde os lírios do campo: não trabalham nem fiam. E eu vos digo: que nem ainda Salomão em toda sua glória foi vestido como um deles”.

Clara como a alva Hóstia, a flor imaculada oferece ao céu os pistilos de ouro. E a haste esguia e longa, muito longa, numa ascensão magnífica, procura afastar do lodo e das impurezas do solo o perfumado cálice de luz que se volta para as alturas.

Sobranceira às demais flores, distante assim da terra a que apenas se prende extremidade longínqua de sua haste, é bem o lírio o emblema de uma realeza solitária, o símbolo de uma alma pura na ânsia sempre maior de perfeição, no impulso ardente de se alçar a Deus.

Brilhava um lírio nas armas da ilustre família Zaccaria e António Maria foi como nenhum outro, digno de sustentar entre suas mãos puras o braço insigne.

Nasceu o Santo em Cremona, no fim do ano de 1502, como o lírio que devia surgir dum acervo de corrupção.

A Itália de então oferecia ao mundo o triste espetáculo de uma eclosão de paixões desenfreadas.

A Igreja via, amargurada, nascer a heresia protestante.

A corrupção de costumes era geral.

A ambição e a sêde de domínio atiravam as cidades umas contra as outras, fomentando ferozes rivalidades até mesmo entre as próprias famílias.

Sobre a tela ensanguentada das crônicas, tumultúa a onda encapelada da dissolução que desce do palácio e ganha a rua e nem á porta do templo se detém.

Príncipes e povo, sob o maléfico influxo de Lutero, rebelavam-se contra a Igreja e o Papado.

O Ducado de Milão encontrava-se em deplorável estado, pois a par da heresia luterana, sentia as terríveis consequências da guerra entre Carlos V e Francisco I.

A alvorada do século XVI é um clamor de guerras, calamidades, lamentações!

Ecoa então uma doce e melodiosa voz espiritual.

O apelo à regra que Antônio Maria Zaccaria lançou desse vale de perdição, guarda, através dos tempos, sua pura e plena ressonância.

Antônio Maria viu a luz do sol sob a ocupação francesa, quando Cremona fôra abandonada aos Venezianos, aliados a Luiz XII contra Ludovico Sforza.

Na cidade como no campo, era grande a miséria e foi diante de um espetáculo de desolação que o coração de Antônio Maria desabrochou.

Cercaram-lhe o berço: - título, fortuna e luto.

Pertencia por seu pai, Lázaro, à família Zaccaria cujo nome, célebre em Cremona, não o é menos em Gênova. Lá está, com efeito, ligado à história da cidade, intimamente entrelaçado à glória de seus feitos marítimos e consulares.

É Benoît Zaccaria que, em 1284 dá a Gênova a supremacia do mar sobre as repúblicas rivais. Navegadores eméritos, vamos encontrar os Zaccaria, durante dois séculos, almirantes dos reis de Castella.

E esses reis, certos do valor dos filhos de Gênova que a seus olhos tão bem representava a estirpe dos Zaccaria, confiaram a um Genovês a expedição que, aportando a terras desconhecidas, devia mostrar aos olhos extasiados da Europa as maravilhas do continente americano.

Um dos chefes da contra Reforma tem então, em sua própria casa, uma linhagem de homens de valor, que em postos de destaque e nos feitos marítimos conquistaram grandes glórias para si e para sua pátria.

Sua mãe chamava-se Antonietta Pescaroli.

Apesar das guerras e do cortejo de males que as acompanhavam, a família Zaccaria gozava de uma situação desafogada.

Mas a sua maior riqueza era a fé, a fidelidade aos preceitos divinos. Estavam os Zaccaria entre o pequeno número de justos, prelados, religiosos, padres ou leigos que aspiravam isoladamente a uma reforma imperiosa dos costumes.

As desordens sociais tornavam impotentes seus esforços isolados.

Pouco depois do nascimento de seu filho, a morte brusca de Lázaro Zaccaria deixou a Antonieta, viúva aos dezoito anos, o encargo da educação do pequeno. E a essa nobre tarefa consagrou todas as energias do seu jovem e piedoso coração.

Filho único de mãe terníssima, herdeiro de ilustre nome e consideráveis bens de fortuna que lhe asseguravam uma vida fácil, privado do seguro apoio da autoridade paterna, Antônio Maria passou, na sociedade dissoluta de seu tempo, como uma visão do céu, como flor de pureza cujo suave perfume se espalhava em ações de caridade.

Em frio dia de inverno, condoído de um mendigo roto e tiritante, cobre-o, o menino, com o rico manto que levava sobre os ombros.

E segue, feliz de sofrer os rigores do tempo deixando agasalhado o pobrezinho, mas vagamente inquieto com o que dirá a Mamãe, a doce e segura guia a quem presta fiel obediência.

Antonieta, agradecendo a Deus os tesouros de caridade que concedeu a seu filho, ouve do jovem um singular pedido.

Envergonha-se de usar tão ricas roupas quando é extrema a miséria em redor e roga-lhe que, desde esse dia, as sedas e veludos sejam substituídos por tecidos comuns.

Mais tarde, em 1520, Antônio Maria renuncia à propriedade de todos os seus bens em favor de sua mãe, e tudo recebe das maternas mãos como esmola.

A medicina apresenta a seus olhos vasto e propício campo onde exercer a caridade.

Aos 18 anos vai cursar a Universidade onde, por todos os lados

os maiores riscos ameaçam sua fé e piedade.

Mas ele passa como um estranho entre a juventude corrompida e mantém sua doutrina isenta de qualquer contágio.

Médico aos 22 anos, exerce a profissão como um verdadeiro sacerdócio.

À sua imensa caridade não basta dar alívio aos males do corpo.

Vê as misérias morais que assolam a humanidade e quer estender o manto consolador da verdadeira fé sobre as infelizes almas que se desviaram.

Começa por reunir as crianças pobres e ricas para lhes ensinar a palavra sagrada.

Anima-o seu confessor, o piedoso Pe. Marcelo, dominicano. E tal simplicidade, pureza e encanto têm as reuniões da igreja de São Vital que, depois das crianças, os jovens, as mães, os parentes, os amigos vêm ouvir as prédicas de Antônio Maria.

O médico ouve então a voz de Deus o chamar e lhe indicar o caminho a seguir.

Aos 26 anos é sacerdote.

Mas, já reformador, ele recusa o aparato mundano que por um costume abusivo, envolvia nessa época a entrada no sacerdócio.

Sua primeira missa é um ato de pura união com Deus. Nem música, nem cantos profanos, nenhuma demonstração exterior, nada que possa deturpar o espírito do sacrifício.

É unicamente uma festa da alma.

E a recompensa lhe vem, imediata.

Chega o momento da consagração. Uma luz celestial ilumina vivamente o altar aureolando o Santo.

E grupos visíveis de anjos unidos na mesma adoração ao Deus de amor, curvam-se reverentes, cercando o sacerdote no instante em que as espécies são consumidas.

Desabrochava o mimoso lírio que de tão boa semente brotara.

Teve a vigiar-lhe a ascensão da haste tenra que o devia apartar das impurezas da terra, o desvelado amor da mãe verdadeiramente cris-

tã.

Recebeu os orvalhos benditos da graça divina.

E a infância do Santo foi a contínua elevação da alma para Deus, a procura sem desfalecimento do ideal da perfeição.

Ainda em botão, já o perfume inebriante de sua ardente: caridade conduzia para Deus os corações que cativava.

Desabrochando, atraiu sua pureza os olhares divinos e colheu-o a Virgem Santa para aumentar com seu brilho a glória do Altíssimo.

Mas deixou na terra as sementes escolhidas de suas obras abençoadas.

E delas brotou um estendal de lírios.

Que se multipliquem as flores da pureza e continuem pelos séculos a fora a espalhar sobre a Terra o suave perfume da caridade, erguendo bem alto, á face de Deus, as alvas corolas dos corações imaculados.

SUBLIME INCUMBÊNCIA

O século XVI é conhecido na Historia como o século da Reforma: da Reforma católica e da Reforma protestante. Ambas nasceram do vigoroso despertar da consciencia cristã, mas foi uma grave desventura que a consciencia assim provocada seguisse dois caminhos opostos, e daí a cisão, o funesto dissidio da sociedade cristã, que ainda nos opprime.

Martinho Lutero, na Alemanha, experimenta a necessidade de sua renovação religiosa, e a mesma necessidade se impõe a S. Antonio Maria Zaccaria, fundador da Congregação dos Padres Barnabitas e das irmãs Angelicas, na Italia.

Infelizmente, o frade de Wittemberg e o padre cremonense se acham, na questão, em pontos inconciliaveis. Razão de ter o primeiro erigido como base de sua obra o orgulho e a vaidade: daí o grande erro. O segundo – S. Antonio Maria – que bem compreendia o espirito da Igreja, instaura como princípio da verdadeira Reforma, a humildade, ahumilitasdo grande S. Carlos Borromeu – palavra de ordem para os Barnabitas, - e daí o seu triunfo.

O espetaculo lastimoso que o povo cristão apresenta, afflige ao medico de Cremona: porém, não amedronta; ele vê e calcula a enormidade do mal, mas não desespera. Quanto mais a vida dos fieis se afastar do ideal evangelico, mais energica se ha de fazer sentir a necessidade da correção e de refôrma; quanto mais os costumes se aviltem e se corrompam, tanto mais alto e solene ha de soar a voz do imperio moral. Assim entende a Reforma, o cremonense.

A moral evangelica tem um sinal que a exprime, um simbolo que a resume, este sinal, este simbolo é a Cruz. S. Antonio indica-o e proclama-o. A Cruz, o que a religião tem de mais espantoso para a natureza e mais intoleravel para o orgulho!

Ele não transige com o vicio; não se confunde com a desordem.

O movimento religioso de Antonio Maria é voltar aos mais puros, aos mais elevados principios do cristianismo. Não são, por ventura, os ideais evangelicos a principal riqueza do genero humano?

Sublime incumbencia! Fazer com que sobre todos os conceitos terrenos. Prevalessem, nas inteligencias seduzidas de belezas novas, os resplendores da Beleza Unica.

Tarefa difficilima... Na apparencia uma loucura. O seculo só vê os prazeres materiais.

Que vale o homem para poder superar por si só toda uma era de corrupção?

Mas o que podem os homens contra aquele que possui a força de Deus?

A sua voz torna-se como a propria voz de Paulo dominado um imperio que ameaça ruina.

Renascer! Sim, o homem tem necessidade de renascer mais do que a natureza em plena primavera!

A renovação, porem, que se impõe ao ser humano é o rejuvenescimento da graça e a regeneração continua que vae attingir as fontes eternas —é o resplendor maravilhoso que exalta um modelo sem mancha.

A sua vidalidade tranquila em opposição com o desassocêgo do seu tempo, não o impede de descer entre o seu povo, sentir-lhe o sofrimento, e, medico indicar-lhe a salvação: A Hostia Sacrosanta, fonte de todas as consolações, alivio de todos os males, força e segurança em todas as necessidades. E' um reformador absoluto, um apostolo perfeito.

A' prodigalidade de sua época contrapõe a grandeza infinita de um coração que de tanto amor aos 36 anos se extinguiu.

Ele, nobre, medico, sacerdote reformador, o mais hu mano e o mais beneficios dos homens, - aos homens restituiu o verdadeiro aspêto da beleza: Deus.

Aplaudamos, portanto, com justiça esse grande Reformador.

A corrupção do clero, ao iniciar-se o seculo XVI, é tão patente que ao espirito de S. Antonio Maria premente se manifesta a necessidade de uma severa reforma.

Um anêlo purissimo de caridade chama ao sacerdocio o medi-

co ilustrado. Do laborioso ministerio rejeita as honras e os proventos, assume com animo generoso os arduos deveres sacerdotais, e dentre todos eles julga o primeiro o de reacender no espirito dos fieis a estima e o respeito ao sacerdote, então diminuido e sem prestigio.

Para conseguir tal intento é necessario que o clero atingido pela dissolução do seculo e mergulhado na ignorancia, volte a ser a luz do mundo, o sal da terra, o Zaccaria pensa apresentar ao povo a imagem do padre acessivel, livre, pronto a atender a todas as solicitações dos fieis, vivente no mundo, mas ao mesmo tempo, pelo espirito de pobreza, de humildade e de sacrificio, morto para o mundo; do padre que, pelo habito e pelos costumes da vida civil, não se distinga do clero secular, e resuma, ao mesmo tempo, as mais austeras virtudes dos clausurados. Ele comunica a idéa assim afagada e longamente meditada a alguns espiritos zelosos, que aquecidos á sua chama se lhe oferecem, como discipulos e companheiros, a coadjuvá-lo na realização do santo empreendimento. Desse modo, uma nova fórmula de perfeição evangelica –os clerigos regulares– revela-se, aos olhos dos fieis admirados, naquela inesperada aparição dos BARNABITAS.

E' difficil imaginar-se quanto se haviam de mostrar laboriosos e recolhidos aqueles padres, risonhos e compungidos, sociais com os homens e familiares com os Anjos!

A veneração do povo, a santidade do clero, eis o nobre galardão do apostolo de S. Antonio Maria Zaccaria; e quando a Historia chama os Barnabitas de precursores de S. Carlos Borromeu, não diz demasiado, mas diz muito para seu encomio.

Ao lado de Lutero, como surge radiosa a figura do Zaccaria! Que encanto misterioso de virtudes! Os corações dirigem-se para ele e todos o proclamam Salvador. Tinha luz no olhar, e nas carnes imaculadas quase uma transparencia do espirito immortal: a voz do povo o proclama Anjo.

Ao lado dos filhos de seu coração – os Barnabitas – coloca Antonio Maria as filhas de sua fecundidade virginal: as religiosas, a que deu o nome de Angelicas para que nele encontrassem o estimulo com que

porfiassem com os Anjos a virtude ideal da pureza.

Elas não renegaram seu nome.

S. Carlos achou nessas religiosas, como nos Padres Barnabitas, as mais fieis e laboriosas auxiliares do seu zelo apostolico. Elas eram para o grande Arcebispo de Milão as perolas preciosas de sua mitra dourada..

Quatro seculos rolaram no tempo...

Santo Antonio Maria já não existe.

Vive porém... Si ao findar de sua mortal existencia o nosso Santo não traz na mão a flôr purpurea do martirio, vitima do amor, consumiu-se até a imolação. Hostia pura, um merecimento infinito transfigura seus sofrimentos e suas fadigas em patrimonio de herança sublime do Pai aos filhos queridos – os Barnabitas e as Angelicas.

Aliás, a flôr, ele a tem consigo. A flôr da inocencia, o lirio da pureza. Ele é na Igreja de Cristo um chefe espiritual, um daqueles herois, a quem os olhares dos homens se dirigem para se manter no caminho certo que os deve levar á gloria imortal.

ANTÔNIO MARIA ZACCARIA

Corria o século XVI; em seu primeiro quartel iniciava-se na Alemanha um movimento de rebeldia contra a Igreja Católica, a Reforma, que já tinha sido preparada pelas heresias dos Albigenses e Valdenses no século XIII, dos discípulos de Wycleff no XIV e pelos Hussitas no século XV.

A Igreja Católica reagiu, porém, de modo denodado e valoroso, organizou hostes aguerridas no combate, destemerosos na pugna, incentivados pelo fervor da fé que os empolgava. Nos desígnios de Deus estava determinado com referência à Igreja de Jesus Cristo que “*adversus eam non prevalebunt portae inferi*” (*as portas do inferno não prevalecerão sobre ela*) e mais uma vez se realizou essa profecia.

Por meio do Concílio de Trento, que manteve de modo formal a obrigatoriedade do celibato clerical, determinou a criação de seminários, restabeleceu e fortaleceu a disciplina em todos os graus da hierarquia e bem assim, por meio da criação de novas ordens religiosas, conseguiu o Catolicismo opôr vigorosa barreira aos progressos da Reforma. Dessas ordens religiosas destacavam-se a dos Jesuítas e a dos Clérigos Regulares de São Paulo, ou como é mais vulgarmente conhecida, dos Barnabitas, fundada esta última pelo médico e depois sacerdote cremo-nense Antônio Maria Zaccaria, beatificado por Leão XIII em 3 de janeiro de 1890 e pelo mesmo Sumo Pontífice canonizado na quinta-feira de Ascensão, 27 de Maio de 1897.

Eis como a respeito dêle se exprime o seu biógrafo Guy Chastel: “*Antoine Marie Zaccaria a meritè d’èlever entre ses mains le lys qui rayonnait déjà dans les armes de sa famille et de lui communiquer une vie incorruptible*”. (*Antônio Maria Zaccaria mereceu ter bem alto em suas mãos o lírio que já figurava no brasão de sua família e de, através dele, deixar transparecer um itinerário incorruptível*)

“*C’est la fleur idéale, claire comme l’Hostie, dont le jet d’une longue tige éloigne du limon la coupe de lumière. Sur un calice grand ouvert, elle offre au ciel un pistil d’or, et l’élan qui la porte au-dessus du*

parterre range les autres fleurs, même les roses, autour de son scptre.

Soeur de l'étoile, elle illumine le jardin. Son parfum trop puissant pour le commun des hommes les jette à la dérive, et parmi les élus, cette fleur royale est encore le signe d'une royauté plus solitaire”.

“Elle est pourtant l'emblème d'Antoine Mare Zaccaria”.

Nascido em Cremona em 1502 filho de Lázaro Zaccaria e Antonieta Pescaroli; pelo lado paterno tinha antepassado na família Zaccaria, célebre em Cremona e ainda mais em Gênova. À história desta última cidade se acha muito ligada essa família; é assim que já em fins do século XIII se salientava Benedito Zaccaria que, como oficial de marinha, tomou parte na campanha que deu a Gênova a supremacia marítima suplantando as outras repúblicas italianas suas rivais; Benedito Zaccaria era cunhado de Miguel VIII, imperador bizantino de 1259 a 1282, fundador da dinastia dos Paleólogos. Durante cerca de cinco séculos os Zaccaria ocupam altas dignidades na Ásia Menor e em outros pontos do império do Oriente.

Ainda ha mais, porem: durante dois ou três séculos encontram-se membros dessa família como almirantes dos reis de Castela, um dos quais, Fernando V de Aragão pelo seu casamento com Isabel de Castela, veio a realizar a reunião dos dois reinos de Castela e Aragão; tais são os reis Católicos, vencedores do último rei muçulmano da península Ibérica Boabdil, e patrocinavam a viagem em que Colombo descobriu a América.

Eis aí, pois: Zaccaria tinha como antepassados homens de valor, espíritos fortes que se cobriram de glória e enaltecera a sua pátria.

Antônio Maria Zaccaria foi primorosamente educado nos princípios severos da Religião de Cristo por sua mãe Antonieta Pescaroli que, enviuvando precocemente se consagrou com carinho de mulher verdadeiramente piedosa, àquela nobre e meritória tarefa.

Diplomado em medicina ele se dedicou de modo verdadeiramente apostolar à carreira cujos profissionais têm por lema “aliis incerviendo consumuntur, aliis medendo moriuntur”. Deus porém, nos Seus altos desígnios, imperscrutáveis aos humanos, o reservava para outra

missão, a de médico das almas e assim, ei-lo, tempos depois, feito sacerdote. Ministro do Senhor. Zaccaria, impressionado com o espetáculo lastimável que o mundo seu contemporâneo apresentava, no ponto de vista moral e religioso, fundou a Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo, que em 18 de Fevereiro de 1533 obteve breve de aprovação para suas regras, expedido por Clemente VII, papa de 1523 a 1534, o mesmo enérgico pontífice que recusou aprovação ao divórcio de Henrique VIII de Inglaterra e Catarina de Aragão, ponto de partida para cisma anglicano.

Depois de uma vida de grande piedade e de excepcional dedicação ao serviço de Deus e ao bem das almas de seus semelhantes faleceu Antônio Maria Zaccaria no dia 5 de julho de 1539. Viveu apenas 37 anos e em tão curta vida tão grandes e elevados foram os seus dotes apostolares que lhe valeram a honra da elevação aos altares. Antônio Maria nascera com uma alma de eleição e, como disse Corneille, “aux âmes bien nées valeur n’attend pas les nombre des années”. (*Não se mede o valor das almas bem nascidas pelo número dos anos*)

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1933
MARCOS BAPTISTA DOS SANTOS.

O CARÁTER DA CONGREGAÇÃO DOS BARNABITAS ATRAVÉS DO PADRE SEMERIA



... Ele,
que tinha posto
a humildade
como fundamento da sua vida,
desde então, pôs
a caridade como ápice

Era uma dessas luminosas e suaves tardes de Setembro. Nuvens muito altas, paradas, refletiam os derradeiros raios de um sol que já transmontara.

No pátio do colégio, o Padre Ceroni, então vice-reitor, passeava a passos rápidos e largos, e, de quando em quando, olhava com visível interesse uma fotografia que trazia na mão direita, donde se dependurava o inseparável molho de chaves.

Saudei-o:

-Boa tarde, Padre.

-Buona sera caro amico, respondeu-me com um daqueles seus largos e afáveis sorrisos.

E mostrando-me a fotografia, falou com voz em que se sentia forte emoção:

-É o Pe. Semeria. Estive com êle na grande guerra...

E seus olhos se fecharam como que numa evocação.

O nome não me era de todo estranho.

Sabia-o ser de um Padre de vasta erudição e muita santidade.

A fotografia impressionou-me. Uma fisionomia austera que espessa barba tornava ainda mais grave; bastos cabelos negligentemente jogados para os lados; nariz grande; boca bem feita; um olhar vivo, penetrante, destes que tudo veem, tudo sabem, que mergulham fundo em nossa alma.

-Padre, conte-me alguma coisa.

Com uma simplicidade encantadora, o Pe. Ceroni revelou-me então a grande alma, o sábio, o santo e finalmente o grande realizador: cientista, escritor, conferencista, pregador, fundador de 18 orfanatos, 49 asilos, 20 colônias alpinas e uma infinidade de escolas, o Pe. Semeria foi uma figura extraordinária de sacerdote, conhecida e admirada por todo o mundo, por isso que a sua obra verdadeiramente nacional e os seus inúmeros escritos não podiam deixar de vencer, como venceram, a sua grande humildade.

A sua vida pode-se resumir nestas três palavras: Humilitas, Sacrificium, Charitas. (*Humildade, Sacrifício, Caridade*)

Todo o seu viver foi uma lição esplêndida de humildade. Foi todo renúncia às mais pequeninas vaidades, desapêgo às posições e favores do mundo.

Tão humilde era que chegava a comover. Pouco antes de expirar, recebeu a visita de amigos que muito eram do seu coração e que de longe vinham. Os seus olhos, já embaciados, ao fitarem os rostos amigos, readquirem o fulgor da vida; êle revive por instantes e seus lábios entreabertos murmuram palavras de contentamento. Mas, eis que de repente êle emudece e como que se recolhe em íntimo pensamento, e depois, humilde, pronuncia estas palavras que provocam lágrimas e em que iam todo o seu efuso agradecimento, palavras que espelham a grandeza de sua humildade:

“Incomodarsi per me, per questo povero straccio!” (*Incomodar-se comigo!, com estes pobres farrapos!*)

A caridade foi a estrela cintilante que os seus olhos buscaram no céu para guia de seus passos no caminho da perfeição. Todas as suas atividades, todas as suas energias, consumiu-as êle no exercício desta virtude que São Paulo ensina ser o resumo de todas as demais. E a miséria humana, em todos os seus aspectos, tristes e comoventes, foi uma das suas grandes preocupações na vida. A sua palavra confortadora foi o bálsamo suasivo de chagas morais de vítimas sem conta. A pobreza feriu-o até as lágrimas. Infatigável, removendo obstáculos inúmeros, procurou sempre, com desusado empenho, minorar os sofrimentos

dos desprotegidos da fortuna, principalmente, daqueles que o destino privou do amparo paterno e doces afagos maternos. E numa atividade múltipla, criadora, êle fundou 67 casas destinadas a abrigarem uma infinidade de crianças, que a sua dedicação sem limites impediu se perdessem levadas pelo vendaval de misérias e pecados do mundo.

Pelo sacrifício atingiu o ponto mais alto a que pode chegar a caridade: sacrificou toda a sua vida, esgotou toda as energias, expôs-se à morte, deu enfim a vida pelo objeto amado: Deus- diliges Dominum Deum tuum ex Toto corde tuo (*Ama o Senhor teu Deus de todo o teu coração*) – e o próximo – diliges proximum, sicut te ipsum. (*Ama o teu próximo como a ti mesmo*).

Guy Chastel, na sua magnífica obra “Le fondateur des Barnabites”, traçando em breves palavras repassadas de entusiasmo o perfil e a obra do Pe. Semeria, conclui: “C’est un Barnabite” (*É um Barnabita*). Este asserto aparentemente sem maior significado encerra grande verdade e profunda observação de que me servi para o traçado deste obscuro trabalho.

A vida movimentada, de ações contínuas, de labores incontáveis, extraordinariamente agitada do Pe. Semeria é a vida de um Barnabita! Uma vida que se divide entre a prece e o trabalho nas suas múltiplas e variadas formas, que se desenvolve num agir constante, que se não arrefece, que aumenta sempre.

Santa e laboriosa vida! Santa e laboriosa no grande amor a Deus. O trabalhar incessantemente pela glória de Deus é veio cristalino que tem a sua origem no amor: quem ama a Deus trabalha sem cansar, por Ele se sacrifica e morre. E são de Platão, aquele fino filósofo da antiguidade, estas palavras: Inquietas res est amor: multum diligis, si parum quiescis. (*O amor é inquieto: muito amas, se pouco te aquietas!*)

Admiram-se os que apreciam a obra barnabita que tão poucos, tenham realizado tanto, e que – o que é mais de admirar – sendo tantos e tão notáveis os trabalhos, não tenha tido a Comunidade, quanto ao número de seus membros, um desenvolvimento análogo ao de outras Ordens, limitação em que ela mesma muito se empenha.

Estes três fatos que a todos causam admiração e que, propositalmente, trouxemos a estas páginas, confirmam-nos aquelas três virtudes, que são a síntese de uma vida piedosa e animada, como os grandes traços característicos da Congregação dos Padres Barnabitas.

Que tão poucos obreiros tenham realizado tantas e tão notáveis obras, explica-nos o Sacrifício.

“La vie d’un Barnabite c’est une consommation de toutes les énergies; c’est la plus haute expression de l’homme: le sacrifice” (*A vida de um Barnabita é o consumir-se de todas as energias, é a mais alta expressão do homem: o sacrifício*)(Guy Chastel)

Que tantas e tão grandes sejam as obras, explica-nos a Caridade. “La carità pei vivi (carità operosa e generosa) ecco il vero culto cristiano ai Morti” (*A caridade em favor dos vivos - caridade operosa e generosa - eis o verdadeiro culto cristão aos mortos*) (Semeria)

“Que tudo convosco se passe na caridade” (São Paulo)

Finalmente, que sejam eles poucos apesar do mérito e grandeza de suas obras, é maravilha que só pode explicar aquela palavra que se acha esculpida, com letras resplandecentes, no mármore do frontão do altar-mor da Igreja de S. Carlo ai Catinari: Humilitas. (*Humildade*)

“A la prudence ils ajoutent le don d’humilité qu’ils ont reçu de leur fondateur” (*A prudência eles acrescentam o dom da humildade, que eles receberam de seu fundador*) (Guy Chastel)

E a humildade, esta renúncia admirável a todas as preocupações e favores mundanos é a cúpula grandiosa, o remate perfeito de magnífico edifício espiritual.

GILBERTO CHROCKTT SA’

RELANCE SINÓTICO SOBRE NOSSA HISTÓRIA

Há justamente quatro séculos que os Milaneses repararam com admiração em alguns Padres “igualmente vestidos, de batina remendada, usando um simples gôrró preto aderente à cabeça, em vez de chapéu”.

Êles paravam nas esquinas das ruas ou no meio das praças, alçavam uma cruz enorme e vibrantemente arengavam o povo sobre a necessidade da penitência.

Eram poucos; um chefe, Antônio Maria Zaccaria, (†5-VII-1539) conde e distinto médico de Cremona, que trocára a ciência e a arte terrenas em que era versátil e perito, pela doutrina de Cristo, médico divino das almas; outro, Tiago Antônio Morigia, educado no luxo e nas comodidades do mundo, a êle renunciára para seguir Cristo na pobreza e nas privações; um terceiro, influente como os dois outros era o escrivão Bartolomeu Ferrari que grangeara reputação pelo desinteresse na profissão, perigosa, naquele tempo, como hoje. Era penitente e caridoso; e isto de tal maneira que seu irmão carnal. “homem religioso”, dizem as crônicas, repreendia-o por este desprezo demasiado da vida, pela maneira de se trajar, pela excessiva pobreza nos aposentos em que habitava e pela liberalidade de suas esmolas.

Outros, em pequeno número, com êles perambulavam nas ruas de Milão.

Esta humildade foi legada em testamento a seus filhos espirituais; e um século após se nos depara aquêle gracioso episódio do homônimo de um dos nossos Patriarcas, Tiago Antônio Morigia, celebrado orador e teólogo.

Fôra eleito Arcebispo de Florença, apesar de sua relutância; e já idoso, em 1698, quando certa noite repousava tranquilamente em seu aposento, foi despertado de sobressalto pelo “correio” que lhe trazia a nova de sua elevação ao cardinalato. Era verídica a noticia, mas em sua religiosa modéstia o santo velho não lhe deu fê, e respondeu entre aborrecido e benévolo: “Não façam zombaria de um pobre velho que

dorme”. E dormiu calmo até a manhã.

Um outro bispo ilustre, Ven. Carlos Bascapé, compusera uma obra confutando as Centúrias de Magdeburgo. Apenas, entretanto, soube que o célebre Palotino Barônio empreendêra igual tarefa, remeteu-lhe todos os seus manuscritos.

O Padre Masséi, um século mais tarde, teve idêntico gesto de nobreza, quando, escolhido para cargos de responsabilidade na Ordem, consignou aos padres Beneditinos de São Mauro uma nova edição das obras completas de São Jerônimo, fruto de longos anos de seu trabalho constante.

A mesma humildade fulgurou neste nosso século XX em um barnabita famoso por suas obras de caridade na Itália do post bellum. Acusado com outros religiosos como afeto de modernismo, recebeu ordem de se afastar de sua pátria, abandonando temporariamente o púlpito, no qual, ainda jovem, refulgia como sendo um dos primeiros oradores da época.

Vários espíritos cétricos duvidaram de sua submissão.

Mas a quem manifestava a dúvida Pio X respondeu: “O Pe. Semeria obedecerá porque é humilde”. Assim foi.

Outros não se sujeitaram e sua queda foi lamentável; mas o “humilde” voltou, depois, ao campo de suas labutas mais afamado e mais querido do que antes, expirando abençoado por Pio XI, tendo-se demonstrado sempre, nas horas de dôr como nos momentos de alegria, fiel servo da Sé Apostólica.

Mas o título que Pe. Semeria mais prezava era o de “Servo dos órfãos”. Para estes órfãos, que a guerra multiplicára por toda a península itálica, ele labutava dia a dia. O bom padre morreu vítima deste labôr em 1931.

Não foi o primeiro. Em 1630, durante a peste que dizimou a população milanesa, muitos barnabitas morreram.

Quando na vila de Pescia o Pe. Fausto Biffi, único supérstite dos barnabitas naquela comunidade, assistiu á abertura da cova do último seu companheiro, ordenou que a cavassem mais funda, para servir tam-

bém de tumba aos seus restos mortais. Morria, com efeito, nove dias depois, ceifado pela epidemia.

O P. Boério sacrificou-se na evangelização da Valtellina, ameaçada pelo perigo protestante; como o Pe. Zaccaria Colom, convertido do calvinismo por influência da conversão de Henrique IV em 1593, salvou o Béarnês das hordas huguenotes em 1608.

Também os Noruegueses devem ao barnabita João Daniel Paulo Stub (1892) a paróquia de Bergen. Filho de protestantes, agasalhado pelo cônsul da Noruega em Gênova lá estudou; e movido especialmente por uma tomada de hábito na nossa igreja de São Bartolomeu, converteu-se ao catolicismo. Voltando, depois sacerdote, à sua pátria, fez vibrar o bronze dos sinos que trezentos ânos antes haviam emudecido, e na nova igreja por êle construída, restabeleceu-se a fé católica naquêl país.

Da Russia surgiu o conde Gregório Schouwaloff (1859), oficial querido em todas as côrtes da Europa, familiar dos czares. Exibia seu espirito genial e sua figura imponente à admiração dos contemporâneos. Um golpe cruel, porém, arrebatou-lhe a esposa. Dirigiu-se então ao orador jesuíta, Ravignan, para desfrutar uma gota de mel; e por este foi aconselhado de ingressar no Noviciado dos Barnabitas em Monza (1856). Lá encontrou um outro barnabita, Pe. César Tondini dei Quarenghi, entusiasmando-o pela Rússia. Foi o sucessor do Pe. Agostinho Schouwaloff na campanha da volta da igreja moscovita ao redil de Pedro.

O Papa Clemente XI, em 1715, precisava de homens de ciência e valor para uma Missão em China. Pediu cinco barnabitas. Quarenta responderam prontos ao sacrificio; mas só obteve de permanecer no Império celeste, e isso por vontade expressa do próprio Imperador: o pe. Ferrari, que iniciou a tarefa de recolher e batizar as crianças abandonadas, dando assim começo à obra da Santa Infância.

Antes já Mons. Nerini fora massacrado no Pegú, em 1756, quando defendia um grupo de jovens católicas e catecúmenas dos ataques dos Birmanos. Seu sucessor Mons. Percôto (1776), manejava com se-

gurança a língua indígena, e seus escritos são considerados como “obras primas” da literatura birmana.

Na diplomacia, citaremos o Cardeal Lambruschini, núncio em Paris em 1836 e Secretário de Estado de Gregório XVI em 1836.

Em nossos dias foi Mons. Mário Giardini enviado como Legado Papal no Japão, lá permanecendo de 1922 a 1932, sendo um forte propulsor da obra missionária.

Em 1932, ainda, partiu para o Afeganistão, escolhido por Pio XI, o Pe. Egídio Caspani; é capelão do Embaixador italiano e o primeiro sacerdote católico que logrou penetrar naquêlê país.

Lembremos agora em rápida síntese os literatos e sábios que ilustraram a nossa Ordem. O Pe. Bartolomeu Gavanti (1638), “príncipe dos liturgistas”, que reformou o Missal e o Breviário Romano sob Urbano VIII. O Pe. Corticelli, maior gramático italiano do século XVIII, e o Pe. Rosati, um dos maiores latinistas do XIX século. Pe. Rotario (1748) e o Card. Bilio (1884), teólogos. O filósofo Card. Gerdil (1802) que imprimiu 20 volumes in 4º de metafísica e em 1763 publicou o *Anti-Emile*; foi dele que Rousseau escreveu: “Voici le seul écrit publié contre moi, que je trouve digne de moi; c’est le seul que j’aie lu jusqu’à la fin; il est fâcheux qu’un auteur si estimable ne m’ait pas compris”. (*Eis o único escrito publicado contra mim, que eu considero digno de mim; é o único que eu li até o fim; é lamentável que um autor tão estimado não me tenha compreendido*).

Os historiadores Tornielli (1622) e Premoli (1928). Este último foi incumbido pelo Papa, de redigir a “História da Igreja dos últimos 25 anos”, isto é, de 1900 a 1925. Trabalho de difícilíssima execução por se acharem vivos quase todos os personagens recordados nele; mas que, magistralmente levado a cabo, mereceu os maiores elogios em todo o mundo. O geógrafo e pesquisador Amato. Os Pes. Corio (1679) e Vercellone (1869), célebres hermenêuticos, e os arqueólogos Pe. Bruzza, mestre de João Batista de Rossi, e Pe. Savio.

O Pe. Ungarelli, egíptólogo, que decifrou todos os obeliscos de Roma em 1842, utilizando-se das descobertas de Champollion e Ro-

sellini, compôs a inscrição hieroglífica para os dois obeliscos da vila principesca de Torlonia, atual moradia do “Duce”, e concebeu e organizou o Museu egípcio do Vaticano.

Recordamos os naturalistas Cavalieri e Siciliani, o conhecido físico Pe. Frisi, e o Pe. Bertelli (1905), inventor do tromômetro e de muitos outros aparelhos de precisão para terremotos. O arquiteto Pe. Binaghi (1629) e pouco após o Pe. Mazzenta (1635), de cuja pena nasceram as mais belas igrejas de Bolonha e que salvou os preciosos manuscritos de Leonardo da Vinci, conservando-os por muito tempo.

Ultimamente o astrônomo Pe. Denza, fundador de mais de 180 observatórios astronômicos e de outras tantas estações meteorológicas, encarregado por Leão XIII, em 1891 de fundar o observatório Vaticano e de colaborar na reprodução fotográfica do firmamento.

Conhecido por muitos de nós por ter sido o organizador dos gabinetes de física e química do nosso Externato, sucumbiu em 1918 o Pe. Mauricio Girardin. Discípulo de Branly era um físico de valor. Ao par de todas as invenções, conseguiu no Hospital de Gien, em 1895 mesmo, dois meses apenas depois da invenção dos raios X, evidenciar pela fotografia uma agulha na mão de um soldado. Da mesma forma alcançou, no seu gabinete de física, em 1894, antes de Marconi, efetuar a emissão e recepção de telegramas sem fio, calando sempre modestamente estas suas vitórias. Mas religiosos há que muito bem se lembram de ter assistido a estas experiências.

Assim podemos usar a frase do Pe. Semeria: Nós, barnabitas, não somos retrógrados nem retardatários, mas empreendedores.

Quando São Francisco de Sales pediu que o Colégio de Annecy, em decadência, fosse confiado a religiosos, Carlos Manuel I designou os Barnabitas para tal escôpo. Duzentos ânos decorreram, e eis um neto da mesma casa de Saboia, Carlos Alberto, dar aos Barnabitas o Real Colégio de Moncalieri, que atualmente o príncipe herdeiro Humberto de Saboia se compraz de visitar com assiduidade.

Colégios conhecidos, ainda, foram “Arcimboldi”, de Milão, o de Gien, na França; e os atuais “Alla Querce”, em Florença; Vittorino

da Feltre, em Gênova; Bianchi, em Nápoles; São Luiz, em Bolonha; Zaccaria, em Milão.

Homônimo deste último, o nosso do Rio de Janeiro abre suas espaçosas aulas, seus pátios sombreados, o esplêndido salão de teatro, remodelado, e acolhedor simpático da multidão alegre dos alunos nas festas escolares, e o monumental santuário de N. Sra. Mãe da Divina Providência.

São todas estas obras feitas com espírito barnabítico, não para granjear fama, que, como nossas obras, bem pouco conhecidos somos, mas para formar os homens de amanhã com o mesmo caráter enérgico dos nossos avós, continuando uma tradição antiga nos moldes modernos; pois esta foi sempre uma das características do barnabita: um homem aclimatado ao seu tempo, que vive na época precursando o porvir.

PE. CARLOS TORRES PASTORINO, Bta.

MESTRE DE PERFEIÇÃO

“Santo Antônio Maria Zaccaria lia as Epístolas de São Paulo, de joelhos, derramando lágrimas...” Da Legenda do Santo.

BARNABITAS... ANGÉLICAS... DESFILA
PELA ESTRADA DO TEMPO A MULTIDÃO...
NÃO LHES TURBOU, JAMAIS, A ALMA TRANQUILA
A ÁGUIA DE TREVA DA PERSEGUIÇÃO.

IMITANDO JESUS, NENHUM VACILA,
NENHUM SE ENTREGA À DESESPERAÇÃO:
NA CONSCIÊNCIA A PAZ DE DEUS ASILA,
TRAZ A GLÓRIA DE DEUS NO CORAÇÃO.

É PRECISO SOFRER? SOFREM SEM MEDO,
HEROICAMENTE, NO MORTAL DEGREDADO,
FITANDO AS CHAGAS DO CRUCIFICADO.

VAI-LHES À FRENTE O MOÇO ZACCARIA,
O DISCÍPULO, O SANTO, O QUE APRENDIA
AS LIÇÕES DE SÃO PAULO, AJOELHADO.

Durval de Moraes.

GLÓRIAS BARNABÍTICAS

Magnífica representação cênica, da vida, atividade e santidade da Ordem dos Barnabitas, concentrada no Santo Fundador, prostrado diante do triunfo de Jesus Eucarístico, e num seléto grupo de seus mais ilustres filhos.

(Da esquerda para a direita). Abre o quadro uma alegoria da missão educativa dos Barnabitas nos Colégios, Oratórios e Círculos juvenís. Segue a figura de um militar. É o venerável Cosme Dossena, que se distinguiu como capitão na gloriosa batalha de Lepanto. Foi Geral dos Barnabitas e, depois, um santo bispo. A terceira figura ajoelhada é o Irmão Bitoz, braço direito dos nossos missionários no Bearnês e na Saboia.

Das pessoas em pé, a primeira é o santo bispo missionário Mons. Nerini, que empunha a palma de mártir da castidade, colhida no adro da sua igreja em Rangum. Acompanham-no ao lado dois jovens clérigos de rosto angélico; o 1º é Diego Martinez, amigo e êmulo espiritual de São Luís Gonzaga na Corte espanhola; o 2º é Michelangelo Pane. Os outros dois personagens: os veneráveis Cofundadores: o Ferrari que traz nas mãos a Bula de aprovação da Ordem, e o Morigia, retrato da modéstia religiosa. Depois do Fundador em atitude litúrgica diante do SSmo. segue Santo Alexandre Sauli. À direita deste avulta outro grande devoto da Eucaristia: o Beato Bianchi, apóstolo de Nápoles. Diante dele ajoelhado, o seu discípulo e rival na santidade o Venerável Castelli, o moço angélico. O personagem revestido dos paramentos episcopais é o Ven. Bascapé, um outro São Carlos, no dizer de Inocêncio XI. Atrás deste, as três figuras quase alinhadas são a começar pelo fundo, o Pe. Pagni; seguido do Cardeal Morigia, Arcebispo de Florença; a terceira, de cabeleira anelada, é o Conde Melzi D'Eril, insigne protetor e benfeitor dos Barnabitas. O último personagem em pé é Mons. Recrosio, apóstolo e missionário da Saboia.

As duas irmãs, de joelhos, com a menina, representam uma Alegoria das Angélicas, fundadas também por Santo Antônio. A anciã que

Ihes fica atrás é talvez a Condessa Torelli, diligente e preciosa coo-
peradora de Santo Antônio.



O QUARTO CENTENÁRIO DOS PADRES BARNABITAS

Começava o século XVI, século das agitações intelectuais, século das lutas do pensamento, século das reformas.

Aparece Lutero com a sua Reforma, fundando templos, submissos ao poderio alemão, e a pregar o código de sua religião sem nenhuma obediência ao Papa e de um absolutismo severo. É o repúdio completo ao poder do Papa.

Aparece Calvino, que por meio de suas famosas conferências se faz o ardoroso apologista de uma nova religião; religião que suprime o poder da Igreja e que faz dos homens um inimigo de Deus.

E, quando mais impetuosos eram os ânimos, influenciados pelas idéias reformadoras dos inimigos da Igreja e da soberania do Papa, surge o vulto inconfundível de Antônio Maria Zaccaria, outro reformador; mas um reformador inspirado pelo espírito de Deus.

Foi então quando em 1530 surgiu a ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo, mais conhecidos pelo nome de Barnabitas, cujo fundador foi esse reformador do século XVI – Antônio Maria Zaccaria. Iniciada a obra da reforma, reforma interior a que visava Antonio Maria Zaccaria, foi crescendo a pequena comunidade, que de futuro seria a dos Padres Barnabitas, cuja sementeira de trabalhos à Igreja tem sido fertilíssima.

Anos depois, em 18 de fevereiro de 1533, o Papa Clemente VII assinou a Bula de aprovação começando desde logo Antônio Maria Zaccaria e seus companheiros a reforma dos costumes.

Muitas foram as lutas, muitas foram as perseguições, muitas foram as calúnias.

Morto Antônio Maria Zaccaria pouco tempo após a fundação, seus sucessores continuaram a sua obra, e os Padres Barnabitas passaram de Milão, berço da sua vitalidade, para Pavia, Monza, Roma, Turim, Genebra, Paris; e hoje não só na Europa, como na Ásia e na América do Norte e Sul vêm prosperando com as bênçãos de Deus.

O campo de ação, vastíssimo. Afóra o trabalho paroquial, o seu

munus sacerdotal estendeu-se pelas prisões, pelos hospitais. E nesse desdobrar de uma ação fecunda deram-se os Barnabitas aos trabalhos dos patronatos, círculos de estudos e colégios.

Atualmente, consagrados quase exclusivamente à ação educadora, é eloquente a lista de pessoas de destaque no mundo moderno que passaram pelas bancas colegiais dirigidas pelos Barnabitas e deles receberam esmerada educação do espírito e perfeita formação moral, constituindo belo ornamento da elite social.

Os Barnabitas são de uma atividade admirável sempre empregando o melhor de suas energias, sem olhar fadigas – é o sacrifício sob todas as formas.

O Brasil tem fruído dos seus benefícios desde 1903, quando vieram para o Norte do País: - o Pará.

Dirigiram aí o Seminário, e mais tarde lhes foi entregue a importante paróquia de N^a. S^a. de Nazaré.. Dentro de pouco tempo esta paróquia sobrepujou às demais pelo florescer das associações pias – catecismos, conferências vicentinas, senhoras de caridades, filhas de Maria, Apostolado da Oração e escolas paroquiais. Mais tarde construíram a afamada Basílica de N^a. S^a. de Nazaré. Os Barnabitas são de fato grandes bemfeitores da diocese do Pará, que a eles deve em grande parte o florescer da vida espiritual.

Em 1906, o Cardeal Arcoverde desejoso de possuir os Barnabitas na sua diocese, trouxe-os quando de sua volta de uma viagem a Roma, entregando-lhes o Curato de Santa Cruz. Pouco depois a ocasião foi propícia para a abertura de um colégio, aliás modesto, nuns dos nossos populares bairros – o Catête.

Este, colégio, hoje um dos melhores Ginásios de nossa Capital, frequentado pela nossa elite social, conta um avultado número de alunos e um proveto corpo docente. Não satisfeito o zelo desses incansáveis sacerdotes com as lides da direção do Ginásio, o campo de ação desdobra-se maravilhosamente no serviço espiritual das almas. E o Santuário de N^a. S^a. da Providência erigido ao lado do colégio atesta a evidência dos fatos.

O serviço espiritual neste Santuário é um verdadeiro trabalho paroquial.

Para corresponder às exigências do trabalho no colégio e na igreja os Padres Barnabitas são verdadeiramente heroicos, dividindo-se milagrosamente por assim dizer, com a suavidade e a humildade tão recomendadas e praticadas pelo seu fundador – o grande reformador de almas, Santo Antônio Maria Zaccaria.

Passam de idade a idade, de século a século, olhos fitos no Céu, de onde projeta-lhes a luz da coragem e do heroísmo o seu santo fundador. São quatro séculos de trabalhos, de sacrifícios, de heroísmos, ora brilhando nas ciências sagradas, ora nas ciências profanas, ora projetando no mundo a luz brilhante da abnegação e da obediência.

Justo é que neste 4º centenário de existência que os Padres Barnabitas comemoram agora, justo é que lhes prestemos nossas homenagens e nossa agradecida veneração pelos serviços prestados à causa de Deus no Brasil.

G. DE SÁ FONTE

OS BARNABITAS NO BRASIL

O Ano Santo de 1933, em que o mundo cristão recorda o sacrifício da Cruz no seu décimo nono centenário, vê comemorar-se também o quadricentésimo aniversário da fundação da Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo, mais conhecidos pelo nome de Barnabitas. Se a primeira reúne povos e nações para saudar a Cruz, para dizer-lhe, vencidos em sua rebeldia e confundidos em seu orgulho, que nela está a única esperança de paz e salvamento, a segunda destas datas centenárias, não menor do que a outra, o é tão grande ainda assim que seria de todo impossível sufocá-lo entre as quatro paredes das casas em que se abriga a grei barnabita.

Não poderíamos tê-la como simples acontecimento de família, a merecer apenas festiva consagração de irmãos. É uma data do mundo, por isso que é memória do acontecimento que rasgou novas perspectivas para a cristandade, numa hora de confusão e de torpôr.

Antônio Maria é figura primacial na história religiosa do conturbado século de Lutero.

Cremona, seu berço, foi pequena para encerrar o ciclo de sua assombrosa atividade; Milão não bastou para absorver os influxos de seu incansável apostolado: o mundo inteiro, próxima ou remotamente, colheu os admiráveis frutos de toda essa existência, padrão de fé sublime, símbolo estupendo de ardente caridade.

Antônio Maria é uma figura complexa de anjo, na contemplação mística das belezas eternas, e de homem devotado á realização de um programa, com todas as faculdades que exornam os verdadeiros homens de ação: a energia, a força persuasiva, a prudência e o descortino. Reconheçamo-lhe, a mais, o sinal de sua predestinação: uma capacidade de sofrimento e de sacrifício só encontrada entre os santos.

Quão proveitosa não seria à mocidade dos nossos dias, explorada e mistificada por falsos condutores, mestres de insídias e de corrupção, a leitura e a meditação da vida, tão breve, do Santo fundador da Congregação das Barnabitas.

Nos fastos de sua Ordem, quatro vezes secular, podem os discípulos de São Paulo, filhos de Santo Antônio Maria Zaccaria, inscrever mais um esplêndido capítulo de sua operosidade, e provector apostolado, de seu amor á mocidade, de seu zelo sempre vigilante pela salvação das almas.

Filhos de tão grande Pai, não dissiparam o tesouro de virtudes e o largo manancial de sabedoria que lhes legou o Santo admirável de Cremona, cuja vida é um ensinamento de amor à Cruz de Jesus Cristo, de renúncia e sacrifício, de luta e de combate, sereno mas enérgico, ao pecado, ao vício e à impiedade.

Eles não renegaram o modelo que lhes foi proposto; cresceram e avultaram no cenário do mundo, tendo diante dos olhos e no âmago do coração a figura magistral e gigantesca de São Paulo Apóstolo.

Este, o segredo de suas conquistas, que a modéstia com que amortalam para o mundo seus melhores triunfos não consegue esconder aos olhos dos que lhes assistem o desdobrar de atividades tão fecundas.

Nossa terra, presa fácil de incursões corsárias, tem tido a ventura de receber, para contrabalançar a onda de exotismos que de contínuo a invade, esses pioneiros da fé que, desde os primeiros dias da história, nos vêm ajudando a levantar, sob os céus dos trópicos, uma pátria forte, na unidade de seus sentimentos e de sua formação moral, vínculo tão admirável quanto o da unidade política e social na vastidão do seu imenso território.

Vindos quando já eramos uma realização, sem dúvida, grandiosa, os Barnabitas, nos trinta anos de apostolado no Brasil, têm-nos prestado serviços de tamanha relevância, que já não é pouco o que lhes devemos de reconhecimento e gratidão.

Mestres da mocidade, como tão fôrmosamente os apontou o Santo Padre, é entre a mocidade que eles vêm realizando a melhor parte de seu apostolado, aquela que no sentir do Supremo Pontífice é a mais cara e a predileta ao coração do Redentor.

O Externato de Santo Antônio Maria Zaccaria é um estabele-

cimento que honra os foros de abalisados educadores de que, de longa data, na Europa desfrutam os Barnabitas. Fundado há vinte e cinco anos, é hoje um educandário modelar, superiormente dirigido e sobejamente conhecido. Por seus bancos tem passado uma multidão de jovens que nas realizações da vida são atestados eloquentes da orientação segura e da sólida formação moral hauridas na lição e no exemplo de seus mestres e guias espirituais.

Instituto aberto a todas as inovações úteis, tem o Externato dos Barnabitas vencido todas as vicissitudes por que vem passando o ensino entre nós, e no cumprimento rigoroso da lei encontra forças com que vença dificuldades, por vezes, vultuosas.

Fundadores de escolas paroquiais por onde andaram, em tantos pontos do norte do país, abriram os Barnabitas colégios no Curato de Santa Cruz, neste Distrito, em Valença, no Estado do Rio; embora florescentes, tiveram eles de cerrar as portas pela necessidade de convergir para o Externato da Capital a atividade dos que ali exerciam com devotamento e abnegação o magistério, meio infalível de atrair a infância e a mocidade para incutir-lhes, a par dos ensinamentos das letras e das ciências, aqueles outros de que depende uma perfeita formação moral.

Deve-lhes o Brasil o muito que fizeram em pról das vocações sacerdotais. A Escola Apostólica de Jacarépaguá, depois dos ensaios de instalada no Rio Grande do Sul e em São Paulo, é obra admirável de tenacidade e de fé. Àqueles que a erigiram, sem medir sacrifícios, vencendo dificuldades sem conta, animava-os, sem dúvida, o espírito do Pai que em Cremona e em Milão, surdo às insídias de Satanás, ardendo no desejo de levar as almas a Deus, não encontrára fadigas, aleives, ódios nem perseguições com forças bastantes para desviá-lo dos caminhos que o Senhor lhe traçara.

Colhem hoje sazonados frutos de sementeira tão pequenina... pódem, com justa ufania, apresentá-los ao altar de Deus... Ei-los, os primeiros Barnabitas brasileiros!

Que mais dizer-se nesta linhas que já vão tão longas?

Tão só, e apressadamente, que outros, e muito grandes benefi-

cios têm os discípulos de São Paulo espalhado entre nós. Devotados ao Sagrado Ministério, múltiplas são as obras de apostolado. Uns, abandonando o conforto das cidades, se embrenham nos mais longínquos rincões de nossa terra para arrancar o homem da ignorância e do erro. Vêde-os em Gurupy,

Outros, nas cidades, e nos seus arrabaldes, se desdobram em atividades para atender a rebanhos com tão poucos pastores. E o Rio, com o seu formoso templo em construção, e Jacarépaguá com o renascimento do sentimento religioso em sua população tão disseminada, e Guaratiba, e Belém do Pará, onde levantaram a esplêndida Basílica de Nazaré, monumento admirável pela grandeza de suas linhas e riqueza de seus labores, são provas eloquentes do que estão fazendo os Barnabitas, no ano jubilar de seu quarto centenário.

Muito já fizeram no passado; muito ainda hão de fazer para o futuro.

Para o bem da Igreja, para o bem do Brasil, para o nosso bem.

Dr. MARIO P. DA ROCHA

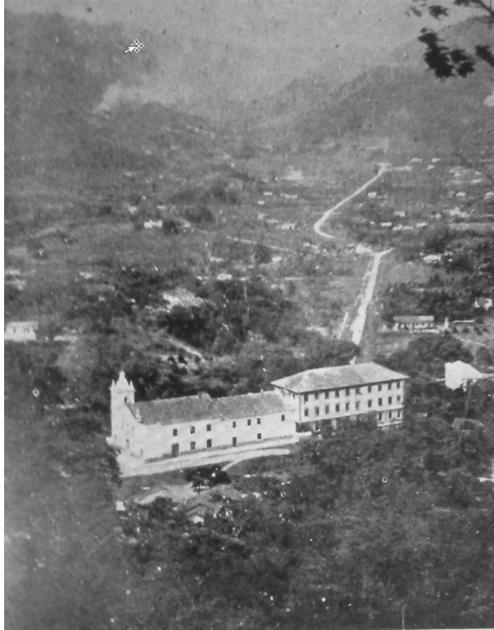


Fotos
RBC



Santuário de Nossa Senhora Mãe da Divina Providência

A ESCOLA APOSTÓLICA DE JACAREPAGUÁ



A Matriz de Nossa Senhora de Loreto e a Escola Apostólica
Vêm-se claramente a Estrada dos Três Rios e as poucas construções da época

Como todas as Associações humanas assim as Congregações Religiosas desejam expandir-se, prosperar, multiplicar sobretudo os seus membros a fim de melhor alcançar os seus objetivos.

Começando a escassear as vocações entre os Barnabitas, pensou-se em bôa hora, na possibilidade de procurá-las entre as crianças que mostrassem certo desejo ou queda para vida religiosa. Daí surgiram as Escolas Apostólicas.

A primeira Escola Apostólica dos Padres Barnabitas foi fundada em 1875 (7 de Outubro) ao lado do Colégio de Gien, na França, por eles mesmos dirigido. Aos 6 e 13 de Novembro de 1880 foram seus membros dispersos pelas borrascas antireligiosas, conseguindo reconstruir-se cinco anos mais tarde, até que, exilados em 1902, estabeleceram-se em Kain (Bélgica.)

A Escola Apostólica de Jacarepaguá pode ser considerada des-

cedente em linha reta da de Gien, pois teve como fundador um religioso lá formado, o Pe. Richert; teve como seu Superior, durante onze anos, um apostólico lá formado, o Padre Jorge Billmann, atual Provincial do Brasil; e enfim, contou, entre seus cofundadores, o primeiro candidato inscrito nessa Escola Apostólica: o Pe. Paulo Lecourieux.

Com tão distinta origem e tão auspiciosos princípios, a nossa Escola Apostólica estava destinada a ter, na terra de Santa Cruz, um esplêndido resultado.

De fato, honra seja a Deus, nos poucos anos de vida, essa nossa casa de formação religiosa já mostrou ter compreendido a nobreza de sua linhagem. Cumpre notar também que ela goza das vantagens de ter aproveitado das experiências não só francesa, como também italiana, porque valiosa contribuição deram ao seu desenvolvimento Barnabitas das Escolas Apostólicas italianas.

Assim sendo, a nossa Escola Apostólica sintetiza o espírito verdadeiro da nossa Congregação: eis o porque da sua pujante vitalidade. A Escola Apostólica de Jacarepaguá, em quinze anos de vida, já deu à nossa Congregação uma ótima recompensa. Os sacerdotes nela formados já são em número de cinco; em Roma, completando os seus estudos teológicos, acham-se seis jovens brasileiros; em Florença, outros tres dedicam-se aos estudos filosóficos, devendo mais tarde seguir para Roma. Aqui no Brasil, outros dois se preparam a fim de seguirem para Roma, meta final dos Estudantes Barnabitas, onde aprimoram seus conhecimentos em todas as ciências quer sacras, quer profanas. Aí também aos pés da Cátedra de São Pedro, vão haurir os ensinamentos dos grandes Doutores da Igreja, das gloriosas tradições romanas. Que melhor ambiente para a formação dum Apóstolo de Cristo do que os lugares santificados pelo sangue dos mártires, heróis da Igreja nascente? Como se vê, os resultados da Escola Apostólica de Jacarépaguá são bastante consoladores. Mas um observador superficial poderia crêr que isso é fruto de mera coincidência apenas. No entanto não é assim. O dia da instalação da Escola Apostolica foi escolhido expressamente como símbolo de sua prosperidade: o dia 9 de Maio de 1918, Ascensão

do Senhor. Deus Nosso Senhor, subindo ao Céu, dá-nos a certeza e a garantia da nossa futura ascensão, para dEle gozarmos eternamente. A Escola Apostólica, abrindo suas portas aos primeiros recrutas no dia da Ascensão almejava quase traçar a sua rota de prosperidade. Ademais cumpre não esquecer que foi durante o mês dedicado à Virgem SSma., que se deu fato tão importante para a Congregação. Estava portanto, por demais afiançado o futuro da Escola e os fatos não o desmentiram.

Quando em 1920 sua Emcia. o Sr. Cardeal Arcoverde, confiava aos cuidados espirituais dos Barnabitas a Séde Paroquial de Nossa Senhora de Loreto, ninguém decerto imaginava que ia estabelecer-se ali a célula mater da Providência Barnabítica Brasileira. Se em todas as fundações religiosas surgem dificuldades de toda espécie, em Jacarepaguá poderíamos quase dizer que o inimigo de Deus excogitou os requintes de sua maldade a fim de inutilizar essa obra, que seria origem de grande bem e causadora das mais dolorosas derrotas para ele. Apesar disso, e certamente com o auxílio de Deus e da Virgem, foram superados com galhardia todos os obstáculos.

Nem se diga que é por espírito de vaidade que fazemos essas constatações, mas unicamente a nossa gratidão para com Deus a isso nos leva. Desejávamos fazer conhecer a proteção que Deus dispensa aos que nele confiam. Desejávamos atrair também outras inúmeras graças da sua Mãe Celeste que sempre foi, e continúa sendo, a guarda das vocações barnabíticas brasileiras.

Além disso, é com grande desvanecimento que também o Brasil quer concorrer para glorificar essa gema fúlgida de santidade que foi Santo Antônio Maria Zaccaria. Filhos da amada Congregação por ele fundada queremos deixar registrada nas páginas da sua história a gratidão dos corações brasileiros conquistados por Ela. Aqui, no Brasil como em toda parte onde Santo Antônio Maria Zaccaria mandou seus filhos, queremos dar a contribuição de nossas homenagens para a glória do Nosso Fundador.

Em toda a Província Brasileira, grandes festejos se prepararam para a comemoração do IV centenário da Congregação, mas podemos

afirmar sem temor que lá em Jacarépaguá, a nossa Escola Apostólica constitui a ser a jóia mais preciosa que nos é dado engastar na coroa que cinge a fronte a Santo Antônio Maria Zaccaria.

_____ P. F. MAFFEI

Alunos da Escola Apostólica da Jacarepagua que ingressaram na Ordem dos Padres Barnabitas:

- | | | |
|-----|-----------------------------|---------------------------|
| 1. | Pe. Francisco Maffei | – ordenado em 1930 |
| 2. | Pe. Antônio Malheiros | – ” ” ” ” |
| 3. | Pe. Paulino Bressam | – ” ” 1932 |
| 4. | Pe. João Antônio Bisaggio | – ” ” ” |
| 5. | Pe. Carlos Torres Pastorino | – ” ” 1933 |
| 6. | Expedito Xisto Machado | – Teólogo em Roma |
| 7. | Paulo Nicolau Dáu | – ” ” ” |
| 8. | José Meireles Sisnando | – ” ” ” |
| 9. | Adelino Vieira Godinho | – ” ” ” |
| 10. | José Camerino Sá | – ” ” ” |
| 11. | Luiz Gonzaga Malheiros | – ” ” ” |
| 12. | José Bisaggio | – Filósofo em Jacarépaguá |
| 13. | João Geraldo Cordeiro | – ” no Rio de Janeiro |
| 14. | Luiz Gonzaga Freire | – ” em Florença |
| 15. | Geraldo Raeder | – ” ” ” |
| 16. | Expedito Nogueira | – ” ” ” |

AS ANGÉLICAS DE SÃO PAULO

Conhecer da obra das Religiosas Angélicas é tarefa que se impõe a todos os bons católicos.

Dizer da sua atuação no Brasil é fazer justiça ao trabalho honesto que honra a nossa terra e benefícios lhe traz.

Outros há que, com brilho e melhor conhecimento da antiga instituição religiosa, fundada por Santo Antônio Maria Zaccaria – o nobre filho de Cremona – poderiam realçar a grandeza sempre crescente da Ordem das Religiosas Angélicas, desde a sua fundação até os nossos dias.

Quem quer que fale a respeito da citada Ordem, não poderá deixar de mencionar o nome de uma mulher extraordinária que, não obstante ter vivido em uma época de agitação dos espíritos e dureza de sentimentos, preferiu enfrentar situações difíceis e vencer dificuldades atroz, tão somente para cristalizar na obra do bem à humanidade o seu ideal religioso – chama divina que lhe impulsionou o coração e operou milagres. E’ a Condessa Torelli.

A nobre senhora de Guastalla, na sublime inspiração do Bem, desdenhou braçõs e honrarias, significativos de uma grandeza material e fictícia, para adotar o símbolo “única spes” – a cruz de Jesus Cristo – que significa nobreza de sentimentos e representa a aristocracia do coração.

O exemplo de emulação, belo e eloquente, patenteia-se na vida da incomparável senhora de Guastalla.

Tal como Santo Antônio Maria Zaccaria, que preferira dedicar-se ao sacerdócio a desfrutar os ócios inerentes à aristocracia coeva, a Condessa Torelli também resignava a idênticos direitos, fazendo profissão de fé na Religião de Jesus Cristo e cuidando da sorte dos ignorantes e dos deserdados da sorte.

Por inspiração de Santo Antônio Maria Zaccaria, diretor espiritual da Condessa Torelli, e, ainda por solicitação do próprio santo, ao Sumo Pontífice, na ocasião Clemente VII, o qual faleceu pouco tempo

depois, fundou-se uma Ordem Religiosa, com a anuência do então Papa Paulo III.

A esse tempo já era notável a obra de apostolado da Condessa Torelli e suas abnegadas companheiras de cruzada.

Interessante é o ponto que refere de como a Ordem recebeu o nome. Uma vez organizada, cumpria arranjar-lho. Como e de que maneira?

Em um concílio das Religiosas, em que cada uma fôra chamada a opinar, a 4 de Outubro de 1536, decidiu-se sobre tão importante assunto.

Conta-nos o padre Dubois, no seu opúsculo a respeito das Angélicas de São Paulo, que a última a falar, uma jovem noviça de nome Agnes Baldironi, ao ser interrogada, com toda a simplicidade respondeu que deveriam chamar-se Angélicas “afin que ce nom les fit constamment souvenir qu’elles deviaient mener une vie tout à fait semblable à celle dès anges”. (*para que este nome lhes lembrasse constantemente que elas deveriam percorrer um caminho semelhante em tudo ao dos anjos*).

À denominação unanimemente aceita pela comunidade, quis Santo Antônio Maria Zaccaria juntar o nome de São Paulo, que já havia dado à Ordem por ele fundada, e que seria o traço de união de ambas as instituições.

Assim com alegria de todos, o Papa Paulo III, a 6 de agosto de 1545, confirmava o nome de “Angélicas de São Paulo”.

É deveras comovedor o que nos relata a história da Igreja acerca do desassombro com que se entregaram à prática da caridade e da religião, a ponto de merecerem encômios entusiásticos das mais conspícuas autoridades da Igreja Católica. Tanto mais se levamos em conta as duras peripécias que se lhes entulhavam, mercê da perseguição dos inimigos, dos incrédulos e dos detratores do catolicismo, os quais não tergiversavam em lançar mão até mesmo de calúnia insidiosa, no propósito de abater o ânimo das virtuosas Angélicas de São Paulo.

A morte prematura de Santo Antônio Maria Zaccaria, ocorrida a

5 de Julho de 1539, enlutou os corações de suas filhas, lançando-as em profunda consternação.

Entretanto, quis o protetor das boníssimas Religiosas, na sua infinita misericórdia, que a marcha para a realização de um grande destino, não se detivesse.

Assim foi e tem sido até os presentes dias. Sempre dirigidas pelos Padres de São Paulo as Angélicas desenvolveram um trabalho de apostolado que é um verdadeiro florão a enaltecer o quadro da história do catolicismo.

Dizer de sua abnegação para com os pobres, os doentes, os aflitos, a todos acudindo com solicitude de irmãs em Jesus Cristo, é apresentar ao mundo uma das paginas mais empolgantes da vida da humanidade, como exemplo de renúncia e de bondade.

A obra das missões, iniciadas em 1537, por forças das tempestades sociais desencadeadas na época, tivéra de ser interrompida. A maldade dos potentados chegara à culminância de expulsar da República de Veneza ambas as ordens de São Paulo.

Daí a segunda fásé da vida das Angélicas – a clausura resultante do Concílio de Trento.

Do que foi essa fase, ao tempo de São Carlos Borromeu, basta repetir as palavras de um companheiro de Monsenhor Ormaneto, quando escrevia em 1565, entre outras coisas, que “... elas exercem excelentes práticas para combater os defeitos, exaltar a virtude”

Revela acentuar um fátó de real importância e que é o maior atestado das peregrinas qualidades das Religiosas Angélicas. São Carlos, o Arcebispo Santo de Milão, chamava-lhes “as pedras preciosas da sua mitra”.

Os conceitos de São Carlos valem por uma consagração.

Daí por diante todo o perpassar da vida de clausura foi uma fonte constante de exemplos magníficos de religiosidade, tendo os olhos sempre postos no céu.

A guerra européia que estalou em 1914 – a grande guerra – veio marcar a terceira época da vida das Religiosas Angélicas. É a restaura-

ção do apostolado.

Motivara esse acontecimento o fato de haver a terrível conflagração arrebatado vidas preciosas, lançando milhões de crianças na orfanidade, um sem número de famílias ao desamparo, sem pão nem tétó. Em meio ao horror da guerra, em que os gritos de dores faziam côro com o ribombar dos canhões homicidas, as Religiosas Angélicas compreenderam que mais uma oportunidade se lhes deparava para a pratica do bem: deixariam o claustro para acorrerem ao chamamento dos aflitos.

Antes, porém, houveram por bem submeter à Santa Sé a solução de tão importante quão delicada questão.

Como era natural, em ocasião tão excepcional, o Santo Padre Bento XV aprovou com alegria a medida proposta, decretando a cessação da clausura.

As religiosas argumentaram, para a consecução do seu “desideratum”, que Santo Antônio Maria Zaccaria, fundador da Ordem, não lhes havia imposto a clausura, medida essa que só depois da morte do Bemfeitor, e por motivo superior, fôra adotada.

A 21 de abril de 1922, embarcavam em Nápoles cinco religiosas em demanda do Rio de Janeiro, sendo aqui recebidas com gerais simpatias. A seguir abriram um modesto pensionato, contando desde logo, com o concurso de várias postulantes que cedo se revelaram dignas de ostentar o hábito, mercê dos dotes de coração e inteligência que as tornaram alvo de admiração e de estima gerais.

A ação desenvolvida pelas Revmas. Angélicas no Brasil, não obstante a modéstia que as caracteriza, no silêncio religioso do seu recolhimento, é deveras admirável.

Palmilhando estradas de escolhos, vencendo barreiras aqui e ali, em um tempo relativamente curto, operaram milagres.

Manda a justiça que se renda um preito de homenagem póstuma a duas personalidades de relêvo, a cujos esforços e dedicação se deve o ter vingado a semente que resultou na bela árvore que hoje frondeja sob o céu de nossa terra – a Casa das Angélicas no Brasil. São elas Madre

Cecília e Madre Lobato.

Aquelas que na vida foram dois livros abertos a transbordarem ensinamentos cristãos, na morte ainda perpetuam um exemplo que não pôde deixar de merecer a atenção dos católicos: Madre Cecilia deixando a pátria querida, veio, obediente aos ditames do seu coração de religiosa, iniciar uma vida de apostolado no meio brasileiro; Madre Lobato, sob a mesma inspiração, partiu para a Itália. Ambas, cedo ainda, deixaram de viver. A primeira repousa em terras brasileiras; a segunda, não obstante ser brasileira, filha de Setentrião, repousa em terras da Itália.

Releva ainda acentuar a ação persistente e produtiva das Revmas. Madres Flavia, Maria Helena, Nazarena e Candida, que em dois lustros apenas, tornaram em realidade e majestosa obra das Angélicas, hoje representada no acreditado educandario de Ipanema, o “Colégio São Paulo” e o conceituado colégio de Teresópolis.

Ha ainda a acrescentar o noviciado, anexo ao “Colégio São Paulo”, que honra a organização religiosa no Brasil.

Coroando essas magníficas realizações destaca-se a Capela do Sagrado Coração de Jesus, onde as Religiosas fazem suas préces e as almas aprendam e praticam os ensinamentos da Religião Católica.

Cumpre-se, aqui, assinalar um fato que nos enche de desvanecimento. Tendo, o ano passado, ido à Itália a fim de tomar parte no Capítulo que se realizava em Milão, como representante da Casa do Brasil, Madre Flávia com grande surpresa foi eleita Geral da Ordem, entretanto, desde logo, a exercer o elevado cargo para que fôra escolhida.

Se surpresa houve para a Revma. Madre Flávia, tal não aconteceu com as demais personalidades que compunham o Capítulo. É que, precedendo a virtuosa Religiosa brasileira, lá chegara o écu de sua inconfundível operosidade e a notícia da sua atenção no terreno religioso e educativo.

O maior atestado das Religiosas são os educandários que dirigem com a competência e probidade que todos reconhecem, por isso que vêm merecendo o apoio das famílias católicas que lhes confiam o

preparo intelectual e religioso das filhas.

As Angélicas de São Paulo, integradas no seio da família brasileira, são credoras do respeito e da simpatia dos católicos do Brasil.

CARLOS RAMOS

Rio, Junho de 1933

ÍNDICE

- 6 Cartas de felicitações
- 14 Antônio Maria
- 19 Sublime incumbência
- 25 Antônio Maria Zaccaria
- 26 O caráter da Congregação ... Pe. Semeria
- 30 Relance sobre nossa História
- 36 Mestre de perfeição
- 37 Glória Barnabítica
- 39 O quarto centenário da Congregação dos Barnabitas
- 42 Os Barnabitas no Brasil
- 46 A Escola Apostólica de Jacarepaguá
- 50 As Angélicas de São Paulo



“Os Barnabitas 1533-1933”, lançado pelos nossos antepassados para comemorar os 400 anos de aprovação de nossa Ordem, revela o apreço que os confrades daquela época e outras pessoas ligadas à nossa Congregação demonstram pela nossa História, pelos religiosos e pelas obras que identificavam a ação apostólica da Congregação no Brasil. Estávamos há 30 anos no Brasil e nossa presença ainda era modesta, mas já importante, embora estivéssemos só em Belém do Pará e no Rio de Janeiro (Catete e Jacarepaguá). As Angélicas, por sua vez, estavam na cidade do Rio de Janeiro e em Teresópolis. Não percam a leitura destas páginas muito interessante da nossa História